

# **A ÉTICA NO USO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL PARA A PRESTAÇÃO DO CUIDADO DE ENFERMAGEM**

Gabriely Ferreira Dos Reis<sup>1</sup>; Nathaly Almeida De Lima<sup>2</sup>; Samyra Paula Lustoza Xavier<sup>3</sup>.

**DOI: 10.47094/IIICOLUBRASC.2025/RS/48**

## **RESUMO**

**Introdução:** A crescente inserção da Inteligência Artificial (IA) na saúde tem sido amplamente celebrada como avanço tecnológico, conforme discutido por Pinho (2022). No entanto, essa abordagem frequentemente ignora que a IA não é neutra nem meramente instrumental, mas sim um agente que reconfigura profundamente as relações de poder no cuidado em saúde. Apontada como ferramenta de apoio ao diagnóstico e à tomada de decisão, a IA desloca a centralidade do cuidado de uma lógica empática para uma lógica algorítmica. A empatia, quando mencionada, surge como adereço complementar, não como resistência radical à automatização. Como ponderam Wagstaff e Fernandes (2024), há urgência em repensar os impactos éticos e humanos dessas transformações. **Objetivo:** Problematicar criticamente os desafios éticos envolvidos na adoção da Inteligência Artificial na prática da enfermagem, questionando seus efeitos sobre o cuidado, a autonomia profissional e a desumanização do trabalho. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão narrativa-reflexiva baseada em artigos publicados entre 2022 e 2024. Embora o recorte temporal se justifique pela recente intensificação do uso da IA, é preciso reconhecer que essa discussão se insere numa genealogia mais ampla de medicalização, tecnocracia e controle sobre os corpos. **Resultados:** Embora autores como Paladino (2021) apontem a IA como facilitadora do cuidado, há um deslocamento sutil, porém perigoso: o profissional passa a depender de protocolos automatizados, reduzindo seu pensamento crítico e tornando-se operador de sistemas. A promessa de precisão diagnóstica esconde a perda da escuta clínica e da consideração das dimensões sociais e subjetivas da saúde, que os algoritmos não alcançam. **Considerações Finais:** A retórica da eficiência não pode obscurecer os riscos éticos da IA. Falar em “trabalho conjunto” entre humano e máquina muitas vezes mascara a submissão do cuidado às lógicas corporativas. A enfermagem precisa resistir à sua tecnificação acrítica, denunciando o uso da IA como ferramenta de precarização e vigilância, e não apenas como aliada neutra no processo de cuidar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Inteligência artificial. Ética em enfermagem. Cuidados de enfermagem.